

IRONI RIBEIRO GODINHO

LUTUOSO POVO



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

LUTUOSO POVO

IRONI RIBEIRO GODINHO

LUTUOSO POVO

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Ironi Ribeiro Godinho

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Diagramação: Michael Douglas
1ª edição – novembro de 2020

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Godinho, Ironi Ribeiro
Lutuoso povo [livro eletrônico] / Ironi Ribeiro Godinho.
-- São Paulo : Recanto das Letras, 2020.
24 p.

ISBN: 978-65-86751-43-7

1. Poesia brasileira 2. Poesia brasileira -
Política - Brasil I. Título

20-4132

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra em primeiro lugar a Deus.

Minha família vem entranhada na minha vida. Nela há suor, sangue, amor, sorrisos e lágrimas. Cito aqui meus dois filhos: Teofilo Fabio Macedo e Fredy Félix Macedo; meus três netos: Maria Clara Pereira Macedo, Anna Lívia Pereira Macedo e João Pedro Pereira Macedo. Sabendo que a escrita é também formada por uma linda família, também a dedico ao nosso soberano alfabeto.

PREFÁCIO

Este é o meu primeiro livro publicado. Lamento que o leitor tenha em suas mãos um livro de uma escritora amadora. Porém, poderá lhe ser útil, apesar de não ser agradável o que está nas entrelinhas que rabisquei. É uma história toda escrita em rimas, para assim melhorar a compreensão ao leitor. É muito triste e um tanto crítica. Fala de uma sociedade que vive esmagada por desilusão e cheia de infortúnios.

Já no primeiro capítulo, percebe-se a falta de respeito com a vida. A infelicidade segue, mas não é o povo que atrai o mal, como se o ocorrido fosse um castigo. Neste minúsculo volume, o povo sofre com os maiores e mais repulsivos vilões que vivem encharcados na ambição. Estes monstros vestem o povo de repugnantes chagas, como se não fossem vidas humanas. Me senti no triste dever de imortalizar este lamentável acontecimento.

Gratidão!

A autora

Lutuoso povo

Lutuoso o povo,
Corpos de heróis, tombado
Uma vergonha absurda
Luto no paladar
Jaz a tristeza no mundo
Ardendo em rixas
Pelo discordar
Nas suas línguas insanas de lixas.

Pensamentos em atacar
Homem chefe de governo,
Com seus apoiadores,
Destila todo veneno;
Rugindo os tambores;
Teve até quem arrombou
Portas de hospitais.

Nos insultos a zombar
Infligindo os corpos vitais
Tirando o sossego alheio
E o Supremo, em meio à insanidade do governo,
Se percebe em um campo
Desatento às pessoas de joelhos!

O povo dividido
Sem saber em quem acreditar
Nos corpos estendidos
Ou na Covid que não há;
O presidente, a pandemia a desacatar.

Com os riscos de um grande surto,
O interesse era mesmo a economia;
Ele se recusava a olhar para o mundo.

Foi avisado pelos infectologistas,
O nível da crise, nenhum medicamento
Com comprovação científica para a cura.

O chefe de Estado confronta a ciência,
Um presidente desajustado
No campos da inconsequência
Tentando empurrar seu desejo goela abaixo
De um povo quase sem respirar.

Algo que nos seus planos se encaixe
Um remédio reprovado pela Anvisa
No tratamento da Covid-19,
Na tentativa de seu orgulho não paralisar.
O povo logo se move baixando todo o estoque

Seus seguidores com seus discursos rasos
Tinham em suas mãos como se fosse
O centro de sua sacra
Espalhando a praga por todos os estados.

Enquanto as mortes seguiam em horrores,
Quando o bicho pegou, logo o presidente jogou
Para os governadores, famílias,
Pedindo clemência
Para o mínimo de dignidade.

O presidente contra a ciência nas filas,
Um minúsculo bálsamo
Para as vidas quase esquecidas,
E uma política desastrosa só de prosa.

Roubando a dignidade de uma frágil sociedade,
O povo perecendo e o governo desacatando a crise.

De homem forte, que era só mesmo uma gripezinha,
Que mataria somente os velhinhos.

Açoitaram o preço para os tantos que não tiveram resgate,
A dor maior é a dos menos favorecidos
Com a áurea de que nunca haverá igualdade.

Uma escravidão muito bem maquiada de bondades,
Dirigida pelos colarinhos brancos,
Envelhecendo dentro do Palácio,
E o pobre condenado ao fracasso,

Emaranhado em seu leito,
Bate contra a imprensa,
Não tem como enfrear este tendencioso que tira os choros,
passando-se pelo Messias enviado por Deus
De um iracundo céu de baixaza.

Todos os dias são semelhantes,
E a cada um o Congresso comete danos irreparáveis
Contra cuidadosas vidas.

Esta peste consome o povo
E na corrupção é favorecida,
Não é sonho nem profecia,
É vista a olho nu de noite e também de dia,
É um grande pandemônio.

Não é ofensa
É mesmo em defesa,
Se houve votos para elegê-lo neste dia,
Não faltaram nas urnas o que não foi,
Um voto sábio! Mas é a confiança de uma gente

Os patifes mandam falar,
Fazem gravações com intérpretes de falsas promessas.
Você jura que são eles falando,
mas são palavras de puro engano.

Falam de dar cobertas a um povo já desacreditado
As palavras são lindas, mas amargas como fel
Os reinantes dominam os fracos.
Uma corrupção que não sacia os afoitos pelo poder,
Então desfrutam ao vivo da terra que não é deles.

Violentando uma nação,
Mesmo que isso custe vidas que são e serão esquecidas.

As campanhas para a eleição são uma Copa;
Nas urnas, loucos na mesma ambição,
Os risos espantando as caras furnas.

E o povo que pereça,
Coisa muito indecente para esta corja
Incluindo o nosso presidente.

A política quer que os arquivos vão às traças
É um grande sorteio encontrar
Um que sustente sua palavra
Em meio a esta raça.

Hoje só há repugnância;
Criam leis que para pobres nunca funcionam direito
É só olhar para o Estatuto da Criança e do Adolescente
Se forem “confundidos”
Suas vidas arderão como enxofre.

Vamos aí, na da força que vem dos jovens,
Que para muitos é só um vulto,
Mas para mim, uma promessa
De um grande estrondo desta nossa juventude;
Que marchem em frente...

Passando pelos conflitos,
Não é luta de tirar sangue
Não é um combate de pancadas
É combate de conhecimento,
Misturado com a honestidade
Mesmo que seja uma réplica, já está valendo,
Hoje nem isso temos.

Política depressiva, a que foi e a atual,
Uma nódoa que nunca fizeram questão de limpar,
Que traz o povo escravizado
Por tantas lidas e fadigas,
Em um país rico, traz um povo com fome
Em total abandono.

Na mão da política do Tesouro,
Só respiram discórdia e rixa,
Aparece o toma lá dá cá
E não demora outro rancor em desdenho
Até aparecer outra elegantíssima conveniência.

Enquanto a maioria do povo
Vai sendo consumida pelo poder
Sem forças para se opor
No cozer da falsa família cristã
Herói nos seus insultos bate no peito
O afortunado preconceito
Um grande estoque de arrogância e prepotência.
Até que, espantados, vejam a morte
Quem sabe assim reconhecerão
Os seres medonhos que foram
Sentirão o remorso pela sua descendência.

A morte os fará declarar para a justiça
As tantas vidas negligenciadas
E agora, com cara de cão,
Verão a balança pesar.
E a arapuca que armaram para seus eleitores
Isto lhes é morte dos vastos milhões,
Agora veem que não vale a pena
Roubar a confiança de ninguém.

Dominadores, covardes, varredores do povo
Com tanta insolência,
Na morte se finda esta superioridade.
Por terem mutilado vidas,
Jamais receberão alguém que molhe a língua por eles
Ou que cure suas feridas.

Então estarão nas mãos
Do Justo, da lei divina em juramentos.
Os homicidas dos órfãos de Estado vão sangrando agora
E nas mãos do maior dos homens serão rebaixados
Sofrendo a asfixia, provando da maior pandemia.

Reinaram na terra em decretos
Que só lhes favoreciam,
Discursos de suas forças divinas impessoais
Brasil acima de tudo e Deus acima de todos
Pensaram que fossem eternas as suas falsas palavras?

Tiveram padrão de vida exorbitante
E uma vida de miséria deram ao povo,
Podem até ser pessoas com invulnerabilidade,
Mas nunca serão seres com poder de imortalidade.

Rebentaram os ares; teceram nos respiradores
Esquecendo dos que por trás estavam,
Valores exorbitantes na indústria farmacêutica,
E cadê o representante do povo que não aparece
Em nem um instante,
Enquanto o povo, por si, paga?

A corrupção vai nutrindo a política,
Que custa vidas empilhadas,
Não é só pela pandemia,
Mas pelas outras doenças que já existiam.

Espero que mais ninguém contraste estas cenas,
Que esta geração futura,
De Deus, de mãe e pai que os gerou,
Traga valores, honestidade e amor,
Que não sejam dominados nem dominadores.
Há de haver, em mentes pensantes,
Um Apocalipse ao contrário.

O que não dá mais é suportar esses ratos anciãos
Bando de incompetentes,
Querendo sempre o poderio só para seus interesses.

Nos sangues indefesos ensopam suas lanças,
Nos jovens, adultos, idosos e crianças,
Nunca finda a rixa no Congresso;
Minimiza quando tem o toma lá dá cá,
Que se conduz no embarque,
Mas que fede, fede, fede...

Esse exército de bandidos que expurgam,
O povo desprovido em uma corrupção inesgotável,
Montando um falso céu, em época de campanha,
Que cheira a podre.

O povo humilde é enganado pelos afortunados,
Que por esta corja são comprados
E depois terão que pagar
Tintim por tintim...

De vez em quando um abre a boca,
Pelo acordo quebrado conta, conta,
Mas nada acontece!
Nem me animo mais.

Logo começam as ameaças nas delações premiadas
E é um tal de recorrer ao Supremo
Que já nem é mais notícia.

Surge logo um esquema,
Levantando uma cortina de fumaça,
Um vulcão em erupção que, com apenas um “eu não devo”,
Se despede com assombro.
Surge outro que nem bem estancou aquele,
E com poucas palavras atravessadas
Paga-se de herói.

O povo, que eles têm nas mãos,
Briga sem saber a real razão
Em meio aos fanfarrões.
É o que se percebe
Na vida de cabresto do século vinte e um.

Salve o anúncio das vidas jovens,
Ao futuro do Brasil darão a verdadeira ordem e progresso
Ou pelo menos avançarão para um melhor começo.

Que se façam mísseis,
Em meio a este buraco negro que segue pesaroso
A vida de um povo sofrido, composto por muitos,
Mas visto como um pequeno ponto cinza
Sugados pelos parasitas.

Não valem o lugar que ocupam estes vírus,
Cavalos de Troia,
O povo segue em desprezo,
E a corrupção segue em glória.

Já é outra eleição, e tem políticos que choram
É choro de lágrimas escorrerem
E o povo chora junto,
Aconchegado das falsas lágrimas que são derramadas, pensando
na morte da cabra.

Quando eleitos estão, devolvem o pobre à sua dura sorte,
As mãos que antes afagavam com promessas lisonjeiras
Agora dividem entre si a fortuna arrecadada
De cada centavo que para o povo é destinado.

O povo de novo, rogando a Deus e à política,
Continua no abate,
Enquanto eles aprovam leis que vêm ao seu favor
Pulsando a indignação do povo.

Aqui vamos na resistência,
Acabou o tirar pirulito da boca de criança
Que antes mal se queixar podia,
Exausta com sede e fome de justiça.

Uma juventude de braços fortes entoará um lindo hino,
Seus cantos acenderão o sol da justiça,
Dissipando as trevas da miséria em uma nova aurora
Que o Brasil espera.

Saia, política velha, que pintou e bordou nos seus malfeitos
Sobre milhões que não acabam,
Omissos com os seus deveres e obrigações.

Falando de educação moral e cívica,
Nos poupe de moral, com tanta imoralidade;
E cívica, o que é mesmo?
Será o toma lá dá cá?

O povo está enfadado das baixeiras,
Das ardentes assembleias de ladrão pagar de herói
Com a frase: “Não tenho nada a declarar”,
E o povo com a conta pra pagar.

Almejo que esta bruxa pandemônica
Perca o poder de mascarar
E que o povo brade por uma nova geração
E uma sublime humanidade.

Com alma gigante a cumprir uma política futura,
Livre de humilhação conquistada,
Por meio de uma cultura de que não rouba um banco
Porque a porta está fechada ou por polícia,
Deus ou diabo,
Mas por coisa bem mais simples,
Apenas porque não é seu.

Hoje tudo vai ao acaso,
os famosos tapinhas nas costas
e assim vai a irrevogável ação
de seguir a mesma aposta.

Se nem Deus esperou de braços cruzados
A morte por suas costas,
Por que o povo vai esperar estes patifes aproveitadores
Cortarem as nossas cabeças?

Assaltando os cofres públicos
Ardendo uma política desajustada
Bando de carroças clandestinas
Que causam repugnância até aos urubus.

Todas as eleições cozem retalho velho
Em panos mais velhos ainda
Um sumário de otários,
Formando um verdadeiro carnaval.

Sabe-se que não existe bala de prata no momento,
E talvez nunca exista de forma geral
Também não há imunização para este pandemônio.

Talvez não exista uma doença
Que desde o começo do mundo
Tenha tirado do povo a esperança de dias melhores.

Permitindo que uma nação
Vá sucumbindo por nuvens ruins, malditas
Um desagrado que escorre na pior terra desta gente
No coração humano que só lucro espera.

Nisto segue o povo submisso, tratado como lixo,
Se há pessoas morrendo e passando fome,
Se são sujeitas à dor, pouco importa
São pragas intoleráveis a corrupção e a incompetência.

No que é vergonhoso, repugnante, um nojo
Os onipotentes dessas cadeiras
Derrubam todos os processos,
Levando aos arquivamentos.

Atacam seus desafetos políticos
Sem receio de serem punidos,
Maquiando os roubos do presente e do passado
Como se o sofrimento alheio pudesse ser esquecido.

Isso é ofensivo a uma nação
Que em todos os tempos vem nas mãos desses ladrões
Isto é muito penoso e sempre será,
Há quem diga que nem Deus tira esses ratos do poder!

Isso parte nossos ânimos em uma angústia constante
Em meio a estes corruptos
Reduzindo o povo a nada.

Nuvens amontoadas
Presas que não escapam dos desagrados
De uma política incorreta.

A corrupção só piora dessa forma
Que mundo se espera?
Poucos se importam em acudir os menos favorecidos,
Cada um em seu posto, sugando as almas
Que dor humana carregam em seus ombros.
Vidas vulneráveis.

Não há mais nenhuma purificação
Para estes podres ladrões
Vulcânicos
Esta praga intolerável que reina no Supremo.
Só existe alvoroço.
Com uma mão, acalenta,
Com a outra, açoita

No triste desmerecimento da igualdade.
Dos seus assentos derrubam todos
Vestidos de ternos lindos
Em Plenário, bocejam nos cochilos.

É fulminadora e árdua a nossa luta
Jamais cruzaremos os braços para essa política,
Senhores das trevas.
A única arma que temos no momento é a urna,
Não arredemos o pé desta nossa ferramenta
Ou continuaremos a rolar na imensidão da lama
Que a corrupção espalha.

Uma peste da qual são poucos
Os dorsais humanos que se livram
O restante é abandonado longe de terra à vista.

Um grupo se concentra neste vírus,
Um dos maiores do mundo,
Que atinge até as pessoas não contaminadas.

As pessoas morrem, passam fome, se denigrem,
se exterminam por este contágio.

É uma peste mortal, causa pânico
Gera muitos estragos na população,
É muito difícil para nós, civis,
Acharmos uma forma de estancá-la
E curá-la sem recaídas.

É de autocontágio,
Ataca até os que nunca chegaram perto
Do campo da praga mortal.

É um grande sonho pensarmos
Em um país livre de corrupção;
O maior dos grandes sonhos que se pode realizar.

Afinal, se os homens não tivessem grandes sonhos,
Nunca teriam ido à Lua.

Não existe uma regra para a corrupção,
Na verdade existem traços
De caráter duvidoso...

Este livro foi produzido pela
Editora Recanto das Letras
em novembro de 2020.